

PRODUÇÃO TEXTUAL NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: A REESCRITA DE UM CONTO TRADICIONAL

KAUANE GARCIA VALIM¹; LIÉSIA BUBOLZ RUTZ²;
GILCEANE CAETANO PORTO³

¹*Universidade Federal de Pelotas –*
kauanegarciavalim@gmail.com

²*Universidade Federal de Pelotas –*
liesiarutz18@gmail.com

³*Universidade Federal de Pelotas –*
gilceanep@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta resultados parciais de uma ação do subprojeto Pedagogia EDITAL CAPES N. 07/2018, cujo objetivo foi o de criar situações de aprendizagem e aprofundamento dos conhecimentos linguísticos articulados às práticas de letramento. Em torno dessa finalidade, neste trabalho será apresentada a intervenção desenvolvida pelas bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de licenciatura em Pedagogia que teve como enfoque principal analisar particularmente a linguagem escrita a partir da prática da reescrita de um conto tradicional, em uma turma de 3º ano de uma das escolas parceiras do Programa.

Buscando por uma tarefa que costuma estar presente nos diferentes anos da escola, segundo, KAUFMAN; GALLO; WUTHENAU (2009, p.34),

a reescrita de um conto, parte da ideia de que as atividades de contar e recontar histórias, assim como as de escrevê-las e reescrevê-las, permitem que os alunos adquiram a capacidade de compreender e produzir tramas narrativas, bem como explorar recursos para que seus contos ganhem em qualidade.

Assim sendo, a atividade proposta de reescrita torna-se fundamental para o desenvolvimento do eixo da produção de textos. Ademais, possibilita que o aluno tenha a capacidade de criar uma versão própria e original, articulando e fazendo uso da linguagem escrita. Desta forma, essa tarefa acaba criando uma situação em que se coloca o aluno como agente ativo no campo da produção textual (JOLIBERT, 1994). Este trabalho foi realizado a partir do modelo de avaliação diagnóstica descrito por KAUFMAN; GALLO; WUTHENAU (2009), que tinha como objetivo diagnosticar os saberes a respeito da linguagem escrita e ao mesmo tempo avaliar os avanços dos alunos ao longo de cada ano escolar.

2. METODOLOGIA

Para o desdobramento deste trabalho, foi realizada previamente uma avaliação diagnóstica com o intuito de saber quais são as concepções e hipóteses que os alunos têm a respeito da leitura e da escrita. Após esse primeiro contato com a turma, a avaliação diagnóstica foi o primeiro procedimento que nos possibilitou

fazer um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, para que pudéssemos organizar e propor práticas de acordo com o nível de escrita em que cada aluno se encontra, evidenciados por FERREIRO e TEBEROSKY (1999).

A intervenção ocorreu em uma turma de 3º ano do ciclo de alfabetização de uma escola municipal vinculada ao Programa. Foi realizada durante um dos nossos encontros semanais pelo turno da manhã com um total de 18 alunos entre 8 a 9 anos. Iniciamos com um diálogo para saber quem já conhecia o conto dos “Três porquinhos”, se já tinham ouvido por alguém em casa ou na escola. Após essa discussão inicial em que ouvimos as hipóteses dos alunos a respeito do conto, iniciamos a leitura e de forma clara para que todos os alunos no momento como ouvintes, pudessem compreender gradativamente. Conforme a leitura se realizava, demonstrávamos as ilustrações do livro, fazíamos a volta em toda a sala pausadamente para que todos conseguissem observar as imagens. Atrelado a isso, quando mencionados na leitura os personagens principais, ou seja, os três porquinhos, eram apresentados por meio de um material previamente elaborado em E.V.A para uma melhor apreensão da exposição da leitura e ao mesmo tempo tentar envolver os alunos no conto, aguçando a curiosidade de cada um.

Após a leitura, problematizamos o conto, questionando os alunos a respeito dos personagens, do material que utilizaram para fazer suas casas, qual material era o mais forte e por que, o que aconteceu no final da história, o que acharam do conto e etc. Posto isso, propomos aos alunos que reescrevessem o conto ouvido. Em meio a produção fomos dando atenção individualmente aos alunos que solicitavam, buscando ajudar nas dúvidas que surgiam.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A avaliação diagnóstica realizada revelou que os alunos se encontravam no nível alfabetico de escrita. Sendo essa a fase final do processo de apropriação do sistema de escrita alfabetica. De acordo com MORAIS (2012) é neste momento que a criança realiza a escrita tal como nós adultos alfabetizados. Na maioria dos casos elas colocam uma letra para cada fonema que pronunciamos, entendendo que a escrita registra a pauta sonora. Mas, se diferem de nós adultos no que tange a ortografia, pois a criança comete muitos erros ortográficos. Sendo assim, ao colocar uma letra para cada som, o aluno pode pensar que seus problemas de escrita estão superados, quando na verdade é importante ressaltar que não podemos confundir que o aluno que alcançou a hipótese alfabetica de escrita está alfabetizado, pois para este último resulta no domínio e superação da ortografia, que por sua vez pode ser proporcionado ao lado das oportunidades de leitura e de produção de texto, assim levando à criança a condição de alfabetizado.

O diagnóstico realizado indicou a necessidade de compreender como os alunos escreviam textos, quais hipóteses testavam. Para isso, organizamos a atividade envolvendo a linguagem escrita dos alunos colocando-os em um papel ativo no que se refere a produção de texto. Desta forma, de acordo com os estudos de GROSSI (1990, p. 59)

A produção de texto é uma atividade essencial, ao longo de todo o processo de alfabetização. No nível alfabetico, ela tem um lugar privilegiado, porque engloba em si a escrita de palavras e de letras, exigindo um mínimo de discriminação do significado de cada uma destas unidades lingüísticas.

É nesse sentido que destacamos a importância de colocar a criança como sujeito ativo no processo de produção de texto, no qual leva em conta a expressão, criatividade e a reflexão de cada um no momento de desenvolver este tipo de atividade. Refletir e testar hipóteses são uns dos desafios que se ocorre ao produzir um texto, afim de que se evolua em escritas de textos mais qualificados. Para GROSSI, (1990, p. 62) “a produção individual pode ser motivada de várias formas, o importante é que se crie em uma sala de aula de alfabetização um clima em que se escreva muito, em que aquilo que se escreve seja muito valorizado.” Para tanto, oferecer a proposta de reescrever um conto tradicional possibilita compreendermos como o aluno lida com certos saberes a respeito da linguagem escrita, levando em conta o seu ponto de partida, ou seja, os conhecimentos já adquiridos. E por outro lado, dispondo ao aluno uma tarefa que oportuniza experienciar, buscar e testar suas hipóteses. Segundo, KAUFMAN et al.(2009) O desafio da atividade é escrever como leitor e o princípio fundamental é que eles se concentrem no “como” dizer sem a necessidade de inventar “o que” dizer, uma vez que assim se torna mais favorável a produção da escrita.

As escritas realizadas pelos alunos foram analisadas seguindo uma síntese de avaliação definida por KAUFMAN et al. (2009). Prosseguindo essa perspectiva, os aspectos analisados foram: a estrutura narrativa que consiste em considerar quantos e quais episódios do conto são incluídos e se sofrem ou não distorções; coesão textual que permite identificarmos como trabalham algumas estratégias de coesão, tais como o uso de conectores; e os recursos literários, no qual analisamos se as produções incluem a presença do léxico próprio do gênero conto. Essa análise se deu por meio de um instrumento, que sintetiza a proposta de avaliação elaborada por KAUFMAN et al. (2009).

Tabela 1. Síntese das produções escritas

Nome dos alunos	Estrutura Narrativa	Coesão e Coerência (uso de conectores)	Recursos Literários (Léxico)
Aluno 1	NRT
Aluno 2	C
Aluno 3	C
Aluno 4	B3	C	B
Aluno 5	C
Aluno 6	B3	C	B
Aluno 7	C
Aluno 8	C
Aluno 9	B3	C	C
Aluno 10	C
Aluno 11	A2	C	A
Aluno 12	B3	C	B

Aluno 13	C
Aluno 14	C
Aluno 15	NRT
Aluno 16	C
Aluno 17	C
Aluno 18	C

As reescritas revelam o resultado parcial de um processo contínuo, em que com base na análise da Tabela 1, podemos observar que dois alunos não conseguiram realizar a tarefa, e onze apresentaram em seus escritos fragmentos vinculados à história que não chegam a ser um conto. Desta forma, não se enquadrando no gênero em questão, e por essa razão, os próximos itens não são avaliados. Por outro lado, quatro alunos não consideram todos os episódios que acontecem no conto, e consequentemente, acabam omitindo alguns acontecimentos, fazendo com que assim a história fique incompleta. Na reescrita destes quatro alunos, mesmo havendo pouca quantidade, predomina o uso de maneira reiterada de conectores. Além disso, utilizam poucos elementos que pertencem ao léxico dos contos. Somente um aluno, em sua reescrita apresenta alguns episódios principais, julgados fundamentais do conto, e quanto ao uso de conectores, não utiliza. Ademais, quanto ao léxico, faz uso de algumas das expressões típicas do gênero.

4. CONCLUSÕES

Essa atividade buscou evidenciar o aluno como um sujeito ativo, na aprendizagem, sendo ele o próprio autor da sua escrita, possibilitando o seu envolvimento com a linguagem escrita. Com essa intervenção, conseguimos inferir o que os alunos já sabem e o que ainda precisam qualificar quanto a linguagem escrita. As reescritas produzidas foram indicadores valiosos para compreendermos o andamento do processo de evolução dos alunos. Sendo assim, elas fornecem dados que dão subsídios para o planejamento de outras atividades a fim de trabalhar com os conhecimentos que precisam ser consolidados no terceiro ano do ciclo de alfabetização.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GROSSI, E.P. **Didática do Nível Alfabetico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

JOLIBERT, J. **Formando Crianças Produtoras de Textos**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

KAUFMAN, Ana Maria; GALLO, Adriana; WUTHENAU, Celina. **Como avaliar aprendizagens em leitura e escrita? Um instrumento para o primeiro ciclo da escola primária**. Lectura y vida. Buenos Aires, p. 27- 45. 2009

MORAIS, A.G. **Sistema de Escrita Alfabetica**. São Paulo: Melhoramentos, 2012. (Coleção como eu ensino)